

# “Distanciamento social?” Não. Por que temos de mudar a linguagem da peste

[leitor.expresso.pt/diario/quarta-78/html/caderno1/temas-principais/distanciamento-social--nao.-por-que-temos-de-mudar-a-linguagem-da-peste](https://leitor.expresso.pt/diario/quarta-78/html/caderno1/temas-principais/distanciamento-social--nao.-por-que-temos-de-mudar-a-linguagem-da-peste)



O Terreiro do Paço em tempo de pandemia. No centro do poder, a escolha das palavras é decisiva  
Foto Tiago Miranda

Confinamento. Isolamento. Distanciamento social. Cerca sanitária. São cada vez mais os que pedem para mudarmos os termos mais usados da pandemia, porque o que é preciso é aumentar a distância, mas reforçar os laços. Atemo-nos uns aos outros e falemos direito, porque a linguagem está errada e já não devia estar

Texto Christiana Martins

Todos percebemos, seja qual for o idioma que utilizamos, que a vida está na distância. É no hiato que mora a esperança. Pelo menos um metro e meio de vazio entre nós. É na barreira da máscara, no muro da luva que mora o futuro da espécie. Mas o que transborda para lá da pele? Sobramos nós e a nossa humanidade. Sobra a criatividade e a saudade. Sobra o desejo.

Desde 20 de março que a Organização Mundial de Saúde (OMS) reviu a sua forma de aconselhar as nações. Em conferência de imprensa os responsáveis da instituição explicaram que distância física não é afastamento social. Mudaram as palavras. O diretor-geral, Tedros Adhanom Ghebreyesus, afirmou que continua a ser necessário e urgente controlar a expansão da pandemia e que todos têm de manter o distanciamento físico que nos separa de "pais, vizinhos, amigos ou parentes mais velhos". Mas deixa o aviso de que, apesar das limitações, é preciso fazer-se presente para que, aqueles que "moram sozinhos ou em casas de repouso, saibam o quanto os amamos e os valorizamos".

O cuidado com as palavras é especialmente sensível para Ana Margarida Abrantes, linguista e professora da Universidade Católica, em Lisboa, a autora da parte final do título deste artigo (“a linguagem da peste”). Mesmo reconhecendo que em tempo de vida

ou morte esta abordagem possa parecer supérflua: "Temos vindo a assistir à generalização do uso de expressões como 'distanciamento social', 'etiqueta respiratória', 'isolamento social', ou 'cerca sanitária', que depressa alastraram dos discursos das entidades oficiais aos media e destes às conversas de todos os dias. Se é certo que expressões como estas primeiro se estranham, é certo que logo a seguir se entranham. E num momento em que a preocupação com a saúde pública é prioridade absoluta, pareceria que a consideração da linguagem que se usa para falar desta pandemia e das suas implicações é um luxo para que não sobra tempo."



Distantes, mas com o mesmo objetivo:  
sobreviver Paulo Novas/Lusa

"Mas que efeitos pode a linguagem ter sobre a forma como pensamos a realidade e depois agimos sobre ela?", pergunta-se a si mesma Ana Margarida Abrantes. Explica, então, que estas expressões são fáceis de memorizar, são generalizações e, por isso, eficientes. Afinal é o que se quer em tempo de emergência. Mas há sempre um "mas": "Um olhar atento revela que muitas das expressões a que nos habituámos nesta pandemia são inerentemente negativas. Nem sempre é clara a sua origem no vocabulário da saúde pública. E por vezes são trocadas sem consequência por palavras ou expressões aparentemente próximas, mas de origem muito distinta."

Por exemplo, a expressão mais presente - "distanciamento social" - "tem origem no domínio da saúde pública e designa uma medida de controlo do contacto entre as pessoas, a fim de evitar a propagação de uma infeção ou de um vírus, mas pode evocar alheamento, e a diferença mede-se pelo bem-estar mental das pessoas e pela harmonia social do conjunto."

E porque é que as palavras têm esse poder, volta a indagar-se a linguista. Para responder que "as palavras funcionam como moldura, dando forma e enquadrando à realidade. Quando escolhemos uma palavra para falar de uma realidade, deixamos de lado outras que a podiam igualmente referir. E evocamos sentidos, mais conscientes ou mais subliminares, mas que estão presentes sempre que a usamos. Uma palavra não existe em isolamento. Ao usá-la evocamos conceitos relacionados, que se por um lado nos ajudam a dar forma a uma realidade que ainda não compreendemos, por outro lado podem condicionar de forma mais permanente a forma como a pensamos."

Palavras e consequências

Em Portugal, uma das primeiras pessoas a alertar para a necessidade do rigor na utilização dos conceitos foi o sociólogo José Manuel Mendes, numa entrevista ao Expresso. Confrontado agora com a questão, o professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais, vai agora para lá das palavras, tocando nas suas consequências.

"A pandemia da covid-19 coloca novos desafios aos estudos do risco e da incerteza, sobretudo a partir de uma perspectiva crítica e atenta aos direitos de cidadania. Os diferentes tempos de resposta à pandemia e a evolução das agora comuns curvas lineares e logarítmicas, e o objetivo do seu achatamento, não são simples artefactos de epidemiologia, mas o resultado do efeito conjunto de políticas de governação do risco, de opções políticas e dos sistemas culturais. Mais, a categorização dos grupos de risco e as resultantes restrições aos direitos, liberdades e garantias revelam as formas de desigualdade dominantes nos diferentes contextos sociais, do efeito geracional ao valor social dos/as mais idosos/as, e das consideradas profissões 'essenciais'".

E são os idosos, aqueles afastados para a retaguarda das retaguardas em nome da segurança e da sobrevivência, os mais visados. "Os idosos carregam a sabedoria coletiva de nossas sociedades. Eles são membros valiosos das nossas famílias e comunidades. Mas eles correm um risco maior de complicações mais graves da covid-19", alertou o diretor-geral da OMS.

A reserva física não pode, portanto, ser confundida com o abandono da memória, do diálogo intergeracional. Tudo parece resumido a garantir respostas para as necessidades: comida, combustível, medicamentos prescritos e interação humana. E quando o tempo deveria sobrar, falta contacto para falar, conversar, transmitir. Mas não tem de ser assim. É na civilização digital que o quadro está composto para que, por mais distantes territorialmente, mais próximos sejamos intelectualmente. E as tecnologias que ameaçavam destruir a relação olho no olho parecem ser a tábua de salvação deste laço.

O grande desafio da pandemia é justamente esse: a eficácia das medidas depende da adesão da população, de não haver um deslaçamento social. Uma pessoa isolada não salva o grupo da ameaça do vírus. O contrato social depende da sua amplitude. A solidariedade nasce da relação abstrata entre pessoas que, decidindo afastar-se, tentam salvar-se. Unem-se propósitos, separam-se corpos. Como explica o psiquiatra Daniel Sampaio ao Expresso: "O termo 'distanciamento social' não é feliz, porque justamente evoca o 'isolamento social'. É muito importante que se diga que as pessoas não devem estar junto a outras, mas também não devem estar isoladas. Ao contrário do que se escreveu, não estamos em 'prisão domiciliária'."

O médico sublinha que é necessário continuar sair à rua, "com máscara, mas olhando para as pessoas com quem nos cruzamos". Só assim "não nos sentiremos isolados, porque um pequeno passeio à volta de casa, com 'distanciamento físico', faz muito bem à nossa saúde mental". Por outro lado, recorda, "é importante dizer que as famílias que

partilham casa estão próximas fisicamente, porventura até mais do que dantes. E que essas famílias podem criar novas partilhas e intimidades, porque não estão 'distanciadas'."

É com satisfação que o psiquiatra reconhece a capacidade de adaptação do ser humano: "A internet, que já tinha alterado profundamente os nossos relacionamentos, proporciona agora novas formas de comunicar. As famílias portuguesas têm revelado uma grande capacidade para modelos comunicacionais inovadores, que justamente contribuem para demonstrar que podemos estar afastados fisicamente mas próximos e não isolados."



A nova Lisboa: muito mais vazia Tiago  
Miranda

Mas aconselha cautela. "Temos de ser prudentes com os termos na situação atual. Por exemplo, utilizar a metáfora da guerra é um erro, porque nos afasta do campo essencial que é o da ciência. Também porque acentua a desproporção de meios: o vírus atravessa continentes e mata milhares de pessoas, as nossas 'armas' são o confinamento e lavar as mãos. Precisamos de falar de ciência, dos doentes que se curam, das pessoas infetadas a quem não acontece nada, da boa resposta do nosso SNS."

Para acabar essa deambulação à volta da força das palavras, há que retornar à raiz, explicada pela linguista Ana Margarida Abrantes: "A emergência é de saúde pública, mas a forma como decidimos falar sobre ela hoje pode influenciar como iremos gerir as suas consequências no futuro. O que vivemos é uma pandemia, um problema de saúde pública. Resolvê-lo está na mão de todos: distanciando-nos fisicamente dos outros, mas mantendo e até aumentando a sociabilidade. E sem esquecer que a distância é espacial, mas a responsabilidade é social."

Fica ainda uma mensagem, em palavras, outra vez elas, de um sentimento que tem de permanecer - a esperança - através do poema "Ovos da Páscoa", da brasileira Adélia Prado: "O ovo não cabe em si, túrgido de promessa, a natureza morta palpitante, branco tão frágil guarda um sol ocluso, o que vai viver, espera". E que venha maio, dizemos nós